

ARTIGO MODELO**O bullying no ambiente escolar – como rasgar essa página?****Todos contra o bullying***Por Gislaine Buosi*

Infelizmente, cenas de alunos rindo, às fartas, do corpo gordo, da gagueira ou do pouco rendimento de um colega têm sido comuns em sala de aula. E, não fosse o suficiente, chacotas e demais brincadeiras de mau gosto, quase sempre, desaguam em violência física. A isso, damos o nome de bullying – intimidações gratuitas, ofensivas e repetidas, que agridem pessoas, quer seja física quer seja emocionalmente.

Desde já, é bom que fique claro que bullying não é brincadeira – há um abismo que separa essas duas situações. Admitamos: quando alguém intenta uma brincadeira, todos os parceiros, de fato, se divertem. Entretanto, quando se propõe uma brincadeira em que muitos se divertem à custa do vexame de um ou dois, isso é, sem dúvida, mostra de bullying, um viés de preconceito, estupidez e ignorância, que tem se naturalizado ao longo do tempo.

Pesquisas recentes apontam que 60% dos jovens entre 14 a 19 anos já sofreram bullying na escola; 47% dos casos resultaram em mortes. Estudiosos destacam ainda que agressor e vítima têm baixo desempenho escolar e, com isso, emocionalmente desequilibrados, tendem a abandonar a escola. Porém, comumente, joga-se luz sobre a vítima, que precisa da atenção dos profissionais da saúde tanto quanto o agressor, que, muitas vezes, traz consigo algum transtorno emocional – é certo que, situações como essas, causam alto nível de sofrimento psíquico, que, por sua vez, podem suscitar atitudes violentas.

Ao que nos parece, o bullying está intimamente ligado, em especial, a dois aspectos: ao relacionamento familiar instável, que interfere negativamente na formação saudável dos filhos, e à falta de mediação segura em sala de aula, competência atribuída ao professor, que nem sempre está preparado para resolver conflitos em sala de aula. É inegável que ambas as situações põem em risco a harmonia, a segurança e a vida de toda a comunidade escolar. Paulo Freire já falava em uma “cultura da paz”, que deve ser salvaguardada pela Educação, e, para tanto, o respeito e o apreço pelo diferente são imprescindíveis – lições que, inclusive, deveriam vir de casa, primeira e maior responsável pela formação cidadã. Sem dúvida, é tempo de validarmos nossos esforços em favor de um ambiente escolar de convivência pacífica e, sobretudo, racional. É preciso muitas mãos para rasgar essa página tão cruel.

Por Gislaine Buosi